

CADERNO 2

Canções do adeus

João Luiz Sampaio

“E minha alma, desprotegida, vai agora flutuar livre, para viver no círculo mágico da noite profunda.” Foi nos anos 40 que o compositor Richard Strauss começou a trabalhar em canções a partir deste e de outros textos do poeta alemão Herman Hesse. A princípio escritas para serem interpretadas individualmente, elas foram reunidas em um ciclo após a morte do compositor. Nasceram assim as *Quatro Últimas Canções*, que se transformaram em obras míticas dentro do repertório das grandes sopranos do século 20. Razões para tamanho fascínio? “São peças extremamente especiais, a união dos textos com a música fala direto aos nossos corações”, diz a soprano alemã Juliane Banse, que as interpreta quinta, sexta e sábado na Sala São Paulo ao lado da Osesp e sob regência de Christoph Poppen. “São as últimas obras escritas por Strauss que, nelas, nos faz olhar nos olhos da morte, mas sem que tenhamos medo dela”, diz o maestro.

Juliane, aos 37 anos, é uma das mais destacadas sopranos de sua geração. A pouca idade nada tem a ver com o currículo que já conta com gravações preciosas de canções de Schumann e Schubert, além de óperas de Mozart, Wagner e Strauss. “Desde que comecei a cantar imaginava o dia em que interpretaria essas canções”, diz ela ao **Estado** pouco antes de embarcar para São Paulo. “Mexe muito comigo saber que Strauss as escreveu pouco antes de morrer e que, ainda assim, elas transmitem tanta paz. Depois de compor peças fortes, agressivas até, como *Electra*, ele volta a uma linguagem totalmente romântica”, afirma. Aluna da meio-soprano alemã Brigitte Fassbaender, Juliane herdou da mestra o carinho com o repertório de canções. “Sempre quis ir de um gênero a outro, das canções para a ópera, os oratórios e assim por diante. Mas ela fez com que, desde cedo, eu me dedicasse às canções e as interpretasse sempre que possível. Foi o melhor que

“PEÇAS SÃO DE POUCO ANTES DE O AUTOR MORRER, MAS TRANSMITEM PAZ”

me poderia ter acontecido. Canto de tudo, mas acabei desenvolvendo uma relação especial com as canções.”

Juliane diz conhecer muitas das gravações da obra – e não são poucas as sopranos que se arriscaram a gravar ao longo da segunda metade do século 20. Cita nomes como Lucia Popp, Sena Jurinac, Elisabeth Schwarzkopf. Mas alerta que, na busca por sua visão da obra, não adianta querer copiar o que as grandes intérpretes fizeram, o que é mais comum do que se pode imaginar. “Cada época tem um gosto especial, uma marca. Os cantores líricos de hoje são diferentes daqueles de 50 anos atrás. A visão da música mudou: a indústria de gravações criou no público um nível muito alto de expectativa. E hoje você precisa estar muito mais preparado. Mas a técnica, o fraseado, o cuidado com a voz ao longo da carreira, enfim, o básico – tudo isso podemos aprender com o exemplo das gerações mais antigas. É uma condição necessária, acredito, para que cada um possa encontrar a própria maneira de interpretar determinada obra.”

O programa dos concertos desta semana da Osesp coloca ao lado das canções de

A jovem soprano alemã **Juliane Banse** interpreta, ao lado da **Osesp**, composições míticas de Richard **Strauss**, que fascina por nos fazer ouvir a voz da própria **morte**, sem ter medo dela



JULIANE – Pouca idade nada tem a ver com o vasto currículo que conta com gravações preciosas de Schumann e Schubert e óperas de Mozart

PROVA DE FOGO

Todas as gravações da obra

Grandes intérpretes enfrentaram as canções de Strauss. Nem sempre com sucesso

Não dá para perder

● **Elisabeth Schwarzkopf** – regência de George Szell (EMI) Para muitos, a melhor entre as gravações da obra



● **Kirsten Flagstad** – regência de Wilhelm Furtwängler (EMI) Registro histórico da dupla responsável pela estréia da obra

● **Jessye Norman** – regência de Kurt Masur (Phillips) Ponto para os contrastes entre claro e escuro da voz de Norman

● **Lisa Della Casa** – regência de Karl Böhm (Decca)

Beleza de timbre e conhecimento detalhado da partitura

● **Gundula Janowitz** – regência de Herbert Von Karajan (DG) Cuidado com cada frase musical

● **Kiri Te Kanawa** – regência de Georg Solti (Decca) O ponto alto da parceria de dois grandes intérpretes de Strauss

Mantenha distância

A primeira gravação de Kiri Te Kanawa sofre com a regência burocrática e apressada de Andrew Davis (Sony), que também atrapalha na versão da soprano Eva Marton (CBS); o registro de Barbara Hendricks (EMI) é prova de que as canções podem passar a perna até em cantoras experientes



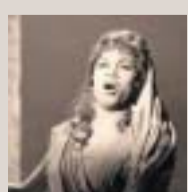
Novas intérpretes

Entre a nova geração, destaca para a gravação da soprano norte-americana Renée Fleming, com a Orquestra Sinfônica de Houston e o maestro alemão Christoph Eschenbach (RCA), secundada por registros de Soile Isokoski (Ondine), Deborah Voigt (Teldec), Christine Brewer (RCA) e Nina Stemme (EMI)



Tesouros perdidos

Forte candidata a referência, a gravação da soprano americana Leontyne Price com o maestro Erich Leinsdorf jamais chegou ao CD e virou disputado item de colecionador, mesmo destino do registro da espanhola Montserrat Caballé, feito nos anos 80



DIVULGAÇÃO

O REPERTÓRIO

●● **FRÜHLING** (Primavera): A primeira canção do ciclo fala, segundo Poppen, “da primavera como símbolo da constante auto-renovação da natureza em toda a sua beleza”. “Eu sonhei por muito tempo com suas árvores e belos céus, com seu perfume e seu cantar dos pássaros”, diz o texto.

●● **SEPTEMBER** (Setembro): Aqui, o poema de Hesse fala da chegada do outono como símbolo da aproximação da morte. “Mas é importante notar como, no final da canção, o autor ainda se refere à contemplação das rosas, sugerindo que se deve aproveitar a vida até os últimos momentos”, afirma o maestro alemão.

●● **BEIM SCHLAFENGEHN** (Indo Dormir): “De novo, uma metáfora do fim da vida por meio do adormecer. Chega-se à noite, porém, agradecendo a beleza do dia e do entardecer”, diz Poppen. Aqui, vale reparar também no solo de violino no meio da canção, com uma melodia linda que, em seguida, é entoada pela voz da soprano.

●● **IM ABENDROT** (Ao Entardecer): É a única das canções cujo texto não pertence a Herman Hesse e, sim, a Joseph von Eichendorff. A temática, no entanto, é semelhante às demais. Para Poppen, é a mais bela canção do ciclo. “Ela descreve a conversa entre duas pessoas que dividiram uma vida no que ela teve de mais belo e profundo e agora se deparam com a necessidade da separação perante os olhos da morte, o que provoca nelas um sentimento de gratidão por tudo o que tiveram juntos, até o último momento.”

●● **SINFONIA Nº 5**: No “Adagietto”, a terceira parte da obra de Mahler, é interessante notar como ele reutiliza a melodia criada anos antes para a canção *Ich Bin Der Welt*. A utilização não é gratuita – a letra da canção original dá pistas do espírito da obra, a sensação tão presente em Mahler de desapego do mundo. “Eu me despeço do mundo/ (...) Vivo sozinho em meu próprio céu/ em meu amor/ em minha canção.” ● **J.L.S.**

Strauss a *Sinfonia nº 5* de Gustav Mahler. Unir os dois autores é, antes de mais nada, fazer justiça histórica. Os dois atuaram na passagem do século 19 para o 20. Foi um momento de mudanças sociais, econômicas, políticas. O eco delas, em partituras, foi a passagem do romantismo para a vanguarda que virou de cabeça para baixo, nas primeiras décadas do século 20, a nossa percepção da música. Strauss e Mahler, por seus vínculos com a música do passado e pela tentativa de indicar novos caminhos, são o elo entre as duas épocas. Não por acaso, o “fim” é uma constante em suas obras. E, daí para a presença da morte, é um pulo. “O período em que viveram é marcado por emoções muito fortes e concretas”, diz o maestro Poppen. “E, no caso destas duas obras, a morte desempenha um papel fundamental. Strauss se aproxima do próprio fim de maneira muito tocante, repleta de paz. A música se molda à poesia da maneira mais perfeita, combinando as belas linhas vocais a uma orquestração sinfônica. Mahler era mais irônico, cínico talvez. Mas na *Sinfonia nº 5* ele também sugere, o que é pouco usual em sua obra, um cami-

nho que parte da escuridão em direção à luz.”

Escrita entre 1902 e 1904, a sinfonia tem um dos trechos mais famosos do autor, o “Adagietto”, usado na trilha do filme *Morte em Veneza*, que o cineasta italiano Luchino Visconti dirigiu a partir do livro de mesmo nome do escritor alemão Thomas Mann. “A sinfonia começa com uma marcha fúnebre que nos leva aos mais escuros e tristes recantos da emoção humana. E termina com a mais alegre expressão de felicidade que podemos imaginar musicalmente. Entre os dois extremos, temos 70 minutos de música que nos põem em contato com quase toda emoção possível. E a conclusão parece ser a de que é importante ter consciência da beleza da vida apesar da iminente presença da morte”, completa Poppen. ●

Serviço

● **Juliane Banse. Sala São Paulo** (1.501 lugares). Praça Júlio Prestes, s/n.º, 3337-5414, metrô Luz. 5.ª e 6.ª, 21 h; sáb., 16h30. R\$ 25 a R\$ 89

estadao.com.br
Ouça trecho da canção *Indo Dormir* na voz de Renée Fleming no site <http://www.estadao.com.br>